

Obra *Atenea*, feita no México em 2009, e parte da série *Mulheres Fantásticas*

ESPECIAL
MULHERES



Fotos: Flor Garduño

AS SUTILEZAS NA ARTE DE **Flor Garduño**

A fotógrafa mexicana, que foi aprendiz de Alvarez Bravo, é uma das grandes atrações do Paraty em Foco 2018. Saiba mais sobre ela



Na foto *Tortuga Azul*, também parte de *Mulheres Fantásticas*, Garduño une humano e animal

POR JUAN ESTEVES

Uma das atrações internacionais confirmadas para o Paraty em Foco 2018, Flor Garduño está no cânone da fotografia latino-americana ao lado dos consagrados Manuel Alvarez Bravo (1902-2002), Graciela Iturbide e Pedro Meyer, outros expoentes do México. Nascida em 1957 na capital mexicana, logo cedo se mudou com a família para um lugar nas proximidades, iniciando um contato duradouro com a natureza que resultou na densa produção de fonte vernacular tanto em sua índole conceitual quanto em seu desenvolvimento gráfico, sustentado por um belo equilíbrio tonal e trafegando por meios que vão do nu ao *still life*, do autoral ao *fine art*.

Estudante de Artes Visuais em 1976 na Antigua Academia de San Carlos, escola fundada em 1781 na Cidade do México, começou uma busca por aspectos estruturais de forma e espaço, mais precisamente seguindo os ensinamentos de sua professora, Kati Horna (1912-2000), fotógrafa húngara. É fato que Garduño traz a influência seminal desse relacionamento com Horna, cuja bagagem misturava o dramaturgo alemão Bertolt Brecht com a escola alemã Bauhaus, passando por Paris e pela guerra civil espanhola até chegar ao exílio mexicano, quando fugiu dos nazistas – além disso foi influenciada pela proximidade com artistas essenciais como a pintora e escultora inglesa Leonora Carrington (1917-

2011) e a pintora espanhola Remedios Varo (1908-1963), duas artistas que viveram na capital mexicana.

Em 1979, aos 22 anos, Garduño interrompeu os estudos para ser assistente de Alvarez Bravo. Numa entrevista ao *The New York Times*, ela disse que “foi como estudar pintura com Pablo Picasso, e, por dois anos, ele me ensinou não apenas habilidades técnicas, mas o intangível necessário para se tornar um artista sério, como disciplina, persistência e como ser um crítico do meu próprio trabalho”.

Ela deixou o mestre mexicano para trabalhar na Secretaria de Educação de Comunidades Indígenas, então dirigida pela fotógrafa Mariana Yampolsky. Passou a visitar áreas rurais remotas e a conhecer um lado de



Corazón (ao lado) é outra foto da série *Mulheres Fantásticas*; abaixo, a obra *Homenaje a Sánchez Cotán*, da série *Natureza Silenciosa*

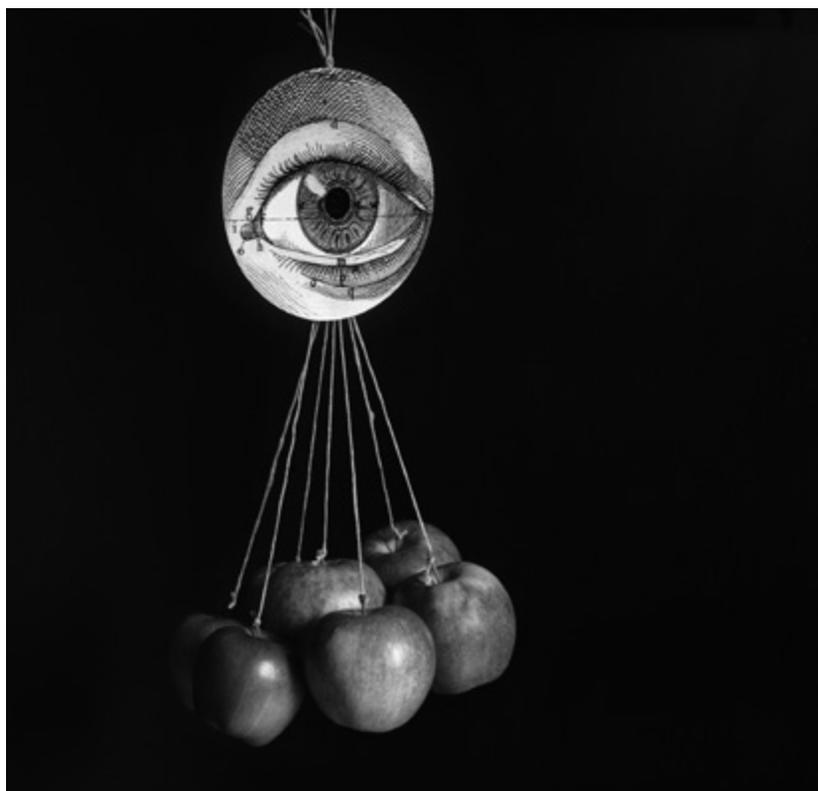
seu país que poucos tinham acesso – experiência marcante que também influenciou seu trabalho fotográfico.

DIVERSIDADE

Uma das séries importantes de Garduño, junto com *Mulheres Fantásticas* e *Natureza Silenciosa*, é *Bestiarius*, que abre a alentada e cuidadosamente impressa publicação *Trilogy* (Contrasto, 2010), significativa antologia sobre seu trabalho. São temas que serão abordados pela curadora paulista Rosely Kakagawa durante o festival internacional de fotografia em Paraty, previsto para o período de 19 a 23 de setembro deste ano, que terá a fotógrafa mexicana como uma das estrelas do evento.

Segundo Flor Garduño, *Bestiarius* surgiu do amor à diversidade e de uma cândida curiosidade pelas infinitas criaturas do mundo. Certamente, uma atração pelos animais adquirida na infância, vivida em uma chácara a cerca de 25 km da capital mexicana. Uma experiência que definitivamente moldou o caráter da fotógrafa – junto com a aura mexicana em torno de sua cultura ancestral associada a um frescor criativo importante, que, por exemplo, levou fotógrafos como os americanos Edward Weston (1886-1958) e Paul Strand (1890-1976) e o francês Henri Cartier-Bresson (1908-2004), entre outros, para o México nos anos 1930. Em entrevista exclusiva para **Fotografe**, ela salienta que seu país segue sendo uma fonte de inspiração como naquela época. “Riqueza cultural e visual em que se encontram situações que em nenhuma parte do mundo encontrei, ao menos nos países que visitei”, comenta Flor Garduño.

A fotógrafa também expressa em suas imagens a fascinação pela mitologia, das criaturas híbridas entre o humano e o animal às como ela mesma diz, “monstruosas bestas”. Para o curador, historiador e





Anunciación, feita em 1998, é a primeira foto da série *Mulheres Fantásticas*, composta por 32 imagens

crítico de arte mexicano Francisco Reyes Palma, as imagens de Flor Garduño se encontram na intersecção do que se pode descrever como fotografia do surpreendente: “uma luz difusa de vida que contém pequenas coisas”, comenta ele.

Diferentemente do fotógrafo catalão Joan Fontcuberta, cuja manipulação no seu *Bestiario* (Siruela, 1997) se dá na imaginação de criaturas inexistentes, tendo como base a literatura, Flor Garduño é mais sutil. Ela

busca as representações em festas populares em que os foliões estão fantasiados de animais, detalhes de instrumentos musicais encourados, *still life* de estatuetas de animais, bem como no que poderia ser chamado de delicados encontros entre humanos e animais, em que a iluminação precisa e aveludada (também presente em outros trabalhos dela) se encarrega de desenhar um contorno mais construtivo no amálgama dos personagens.

Garduño promove a relação entre seus personagens humanos, normalmente a família ou vizinhos, com animais, vegetais e minerais que se transformam em seus arquétipos. Há certa ancestralidade evocativa nos elementos da natureza, ou melhor, em seus “diferentes reinos”, como salienta Reyes Palma. Para ele, o ponto de vista dela não é fácil de ser concebido como um trabalho conceitual, uma vez que a teatralidade promove uma



Acima, *Edén*, de 2001, é uma das imagens mais conhecidas de Flor Garduño, no alto, em retrato da artista brasileira Vilma Slomp

espécie de museografia interna em que a dicotomia se sustenta no que é real e no que é imaginação. A sugestão é de um enigma que está sempre presente, sustentado pelo seu virtuosismo fotográfico.

EROTISMO SUTIL

No portfólio *Mulheres Fantásticas* a nudez louva a interação entre a natureza e o humano de maneira delicada, mas com sutil toque de erotismo. Traz uma luz requintada, obtida naturalmente. Ao lado de sua casa, a fotógrafa mantém um rústico estúdio que dá passagem à luz natural. É uma clara celebração do universo feminino e do corpo da mulher com argumentos inerentes ao espírito imaginativo da artista. “A beleza passa a existir e deixa de ser inacessível”, diz Graciela Oliveira, uma de suas modelos.

Em contrapartida, uma crescente violência contra as mulheres no México pro-



Vilma Slomp

Flor Garduño

vocou debates no meio fotográfico, como o ocorrido por conta do livro *Codex México 1986-2016* (Editora RM, 2017), do francês Antoine d'Ágata. Em maio deste ano ele recebeu profundas críticas relacionadas à violência e misoginia feitas pelo colecionador, curador e escritor americano Brad Feuerhelm, editor do site American Suburb X (ASX).

Para Flor Garduño as mulheres sempre foram relegadas, tanto no México como na América Latina. Agora há um recrudescimento, grande parte por conta do fracasso das autoridades e política em geral. “Ao fotografar os nus, sempre fiz isso com muito respeito e de forma lúdica, pois vários deles foram minhas projeções, e graças à cumplicidade de meus amigos (os modelos) e minha filha, pude concretizar muitos dos meus sonhos e também reviver os mitos milenares”, explica.

Ela conta que em sua vida como fotógrafa trabalhou em diferentes assuntos, como o nu, a natureza, o retrato e os mitos na América Latina. “Dei atenção também à imagem e à importância do animal em nossas culturas, como tem sido importante em culturas milenares como a do Egito e a da Índia”, comenta. Flor Garduño salienta ainda que a série *Natureza Silenciosa*, que completa sua trilogia, tem algo de muito íntimo. “Confesso que criei essas fotografias para mim mesmo, para manter o meu espírito lúdico ao longo de todos esses anos”, afirma.

A fotógrafa mexicana expôs suas imagens em alguns dos principais museus e galerias mundo afora. No Brasil, a primeira exposição dela foi durante a Bienal de Fotografia de Curitiba, em 1996. Depois, seu trabalho foi apresentado no Memorial da América Latina (2005) e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2008).